O SOCIALISMO HARMONICO

E A QUESTÃO SOCIAL (1)

“A paixão da linguagem aqui não dissimulada, traduz a sinceridade com que essas coisas foram pensadas e escriptas.”

M. BONFIM.

Meus amigos.

Eis-me finalmente entre vós.

Nos 5 annos que passei por esta Faculdade tive maravilhosas e esplendidas victorias e daqui sahi laureado e cheio de esperanças e ideaes, disposto a lutar e vencer.

Viver é lutar, lutar é vencer.

Luctei, venci.

O presente é glorioso, a victoria portentosa, mas muito mais bellas são as promessas do futuro.

E eu, caminhando na aurea estrada gloriosa tapizada de fulgurantes pedrarias, onde resoam sonoramente os passos que me levam para o futuro, marcho resolutamente guiado pela luz esplendida da maravilhosa estrellá, que indica o norte da minha vida.

E é neste dia glorioso, de dôr para os meus adversarios, de jubilo para os meus amigos que destemidamente, com a força e a audacia das grandes convicções, venho falar-vos em defesa da nobilissima das causas, a causa sacrosanta da justiça, mostrando as miserias da

(1) Lição inaugural

nossa sociedade e o dever de mitigarmos a situação miseravel das classes desprotegidas da sorte, que vegetam neste paiz abençoado, exploradas, escravizadas, opprimidas, abandonadas, desamparadas, abastardadas.

Paladino da causa da humanidade mostrarei o estado deploravel das nossas classes laboriosas, e em defesa dellas exporei as minhas razões, procurando o remedio para os males que nos affligem. Estudei longamente os nossos problemas e procurei resolvel-os. Si o consegui, direis vós, não eu. Trabalhei comtudo para tornar feliz a nossa idolatrada patria.

TRIUMPHO DO SOCIALISMO

Em these que defendi na nossa Faculdade de Direito, disse eu, seguindo Wagner, que o individualismo era doutrina morta, tendo nós entrado na phase socialista. Sobre isto, como diz o preclaro Orlando, já se não póde discutir: a época actual é do Socialismo. Emquanto discutiam os scientistas as vantagens e os inconvenientes da ingerencia social do Estado, onde foi alargando, como nota o insigne mestre italiano, a sua actividade social, de tal fórma que hoje não se disputa o que deveria ser, mas sim o que é. Triumphou já o Socialismo de Estado. E' o que se deduz do estudo dos systemas e da attenta observação dos factos. Ha, na realidade, um ponto commum, entre os systemas allemães e o de Ferraris. De ambas as partes affirma-se, ou presuppõe-se, que o Estado deve ingerir-se na vida social, e repelle-se a doutrina do "laissez faire, laissez passer", de Gournay, correspondente á do "il mondo va da se", de Galiani; pois "tutti riconoscono una dottrina dell'ingerenza sociale dello Stato", na phrase lapidar de Orlando, o que é na opinião de Cavagnari um dos postulados da Sciencia da Administração. Hoje, "tutti i popoli, più o meno fanno del socialismo di Stato", diz Orlando, a sciencia entrou na sua phase humana, reconheceu que o

mundo não foi feito sómente para os fortes e poderosos, mas para todos, realizando-se assim as promessas do divino Mestre, cuja doutrina santa (nos ensina), ha vinte seculos, que todos somos irmãos e todos temos direito á vida. No mundo tudo se modifica e da terrivel convulsão social que abalou profundamente os alicerces da sociedade, cheia de preconceitos estupidos, de miserias, de mentiras, de absurdos, surge uma orientação nova, uma era nova: novos tempos, novos ideaes! Quedaremos nós na estagnação, no deleixo, na modorra, no lethargo dos povos despreziveis, que não acordam ao agulhão do dever moral da defesa do Direito, da dignidade e da honra, que muito mais valem que a propria existencia, quando, em nosso derredor tudo é lucha, vigor, renovação, vida? Não, mil vezes não!

A nação acorda, o povo brasileiro, de pé, firme, resolutu, responde ao clarim canoro da civilização, e ao verbo ardente e inspirada do apostolo da liberdade, de Ruy Barbosa, o Pae da Patria, um povo novo, desconhecido, imperterrito, surge, é a hora da nação que soou. Soou a hora da nação. Povo da minha terra, é a hora da lucha, que soou, e a lucha é para vós a victoria, oh filhos estremecidos da patria brasileira. Mas, para vencer é necessario lutar, e nunca, nunca, nunca descrever da victoria, pois duvidar della é trahir em pensamento. Os dias da prepotencia, da oppressão, do latrocinio estão contados. Soou a hora da nação.

“Oppondo á politica o trabalho; as facções, o civismo; aos conluios as idéas; ás oligarchias, o povo; ao medo, a confiança; ao scepticismo, a fé illuminada na caridade eterna do criador para com as suas creaturas. Eia! não vacilleis, não tremais, não recueis, não cedaes”, disse o mestre, luctemos e a palavra seja a nossa arma, o Direito o nosso escudo, o voto a nossa garantia, a hombridade o penhor de que nos respeitarão. Mas, si os pa-

rasitas sociaes, os sanguesúgas do thesouro silenciarem a nossa palavra, desrespeitarem o nosso direito, roubarem o nosso voto, humilharem e abaterem pela força assalariada, pela força mercenaria que pagam com o nosso dinheiro, que é o nosso sangue, que é o nosso pão, o pão arrancado a mulheres miseraveis do povo, a criancinhas desamparadas e famelicadas, a doentes, a operarios que no trabalho ficaram inválidos e os patrões e os regulos atiram ao abandono, como imprestaveis, como cães leprosos, então — então a reforma pacifica que se operaria e, espero em Deus, se operará, em nossa terra, não terá mais nenhuma razão de ser, e a força responderá á força, a illegalidade á illegalidade, á barbaridade á barbaridade, mas venceremos, porque não ha poder na terra capaz de pôr obstaculos ás transformações sociaes, fructos da evolução e ruirá por terra, quem tentar pela força oppôr-se ao triumpho das idéas novas, como ruiu o Imperio Romano, como ruíram as Monarchias dos Tzares e dos Kaisers e a ridicula organização feudal dos Habsburgos. Mudaremos de rumo, o vento forte do progresso derribará as carcomidas bastilhas da sciencia pedantesca e inutil das priscas éras, abrindo para a nossa patria novos horizontes, os da sciencia nova, da sciencia social. E' o triumpho do socialismo que vos predigo neste instante. Viaja tranquillada a caravana descuidosa pelo deserto dos ardentes e intérmios areaes. Uma mancha no deserto, um obscurecimento na atmosphaera, elevação da temperatura e o simum começa a soprar. Amontoam-se as areias, encapellam-se, como ondas de porcelloso oceano em tempestade, precipitam-se, e tudo arrazam, afogam, destroem, sepultam. Quem poude resistir á furia do simum? Navegava em mar sereno o soberbo transatlantico que liga os continentes, o traço de união entre os povos. Tudo é calma e bonança. Annuviam-se os horizontes, encrespam-se as ondas, principia entre estrondos pavorosos de trovões terrivel tempestade e o navio, misera casca de

noz no oceano portentoso, desaparece engulido pelos tremendos vagalhões. Quem poudé resistir á furia da indomita tempestade? Ronca o vulcão e as lavas precipitam-se pelos flancos da montanha, cobrem o valle, sepultam cidades. Quem poudé resistir á furia do vulcão? E as aguas do rio transbordam e cobrem as campinas, inundam as cidades e destróem as casas e arrancam as florestas; e as catadupas da cachoeira, precipitam-se e rompem tudo e tudo levam de vencida e o oceano arrebenta os diques que lhe oppõem.

Quem poderá resistir á furia dos elementos desencadeados sobre a terra? E, em Berlim, e Vienna, em Moscú e Petrogrado, o povo ululante, famulento, desesperado, surge terrivel e calma vingança.

Quem poderá resistir ao povo miseravel que na praça publica pede pão e justiça? E os loucos autocratas desconhecem o perigo: julgam-se intangiveis na sua força orgulhosa. Caro pagam a soberba insensata. De nada lhes valem os exercitos, de nada os cortezãos, de nada seus cúmplices, de nada seus lacaios; e o throno dos Tzares cáe por terra, e os miseraveis trahidores do povo russo, justiçaados por mãos vingadoras, com a vida pagam os seus crimes contra a humanidade; e o entonado e vanglorioso Kaiser, o senhor do mundo, fuge da ira popular como um réles criminoso, como um assassino, como um ladrão; e o povo, o povo soberano, o povo que trabalha, o povo que soffre, o povo que produz, toma a direcção dos proprios destinos e realiza a obra da civilização.

Quem poudé resistir á vontade popular? Na Russia venceu o povo, na Allemanha venceu o povo, venceu o povo no mundo inteiro, pois a França, a Italia, a Hollanda e a propria Inglaterra, transformam-se, socializam-se.

Porque não vencerá o povo entre nós?

O QUE QUERO

Para vos expor o meu programma de acção, para fazer a critica da nossa sociedade e indicar os remedios para o mal brasileiro, preciso se torna, que explique eu, o que vem a ser o Socialismo, na minha opinião, e o Socialismo Harmonico. Só assim, encarados do ponto de vista social, do ponto de vista da nova escola que fundei, poderão as minhas idéas ser bem comprehendidas de vós outros.

O QUE E' O SOCIALISMO

Em todos os tempos existiram almas generosas que se consagraram a alliviar os males deste mundo e a fazer todo o bem possivel. Foram os genios isolados, os Santos precusores do Socialismo. Mas esses pensadores isolados e mesmo as tentativas communistas, ainda não passam de ensaios, louvaveis sim, mas representando apenas o germen do socialismo que é de hoje, é um producto da solidariedade, como observam Nitti e Quezada, que diz que a solidariedade “ es la que ilumina i da su verdadera luz a la Economia Social: esta no es, en el fondo, otra cosa que una aplicacion de lo que podriamos llamar la filosofia de la solidariedad.” Dahi a nova escola, a solidarista, de que é o maior defensor o incomparavel Ch. Gide em França, e na America, o Chileno Armando Quezada. A escola solidarista tem recebido adeptos de todas as outras, raro privilegio, no dizer de Gide, devido talvez á indeterminação do seu programma. O facto da solidariedade é capital na vida dos povos; e, acceitando eu as conclusões da escola solidarista, as julgo comtudo insufficientes e as amplio no socialismo Harmonico. Condemnado pela sciencia o individualismo, condemnada a theoria que affirmava deverem os fracos ser esmagados na lucta pela vida, provado que todos podemos viver e ser

felizes em sociedade, desta concepção surgem as idéas socialistas. *Todas as tendencias, revolucionarias ou não, que procuram modificar a sociedade, de fórma a melhorar as condições de todos os membros da communhão social, são tendencias socialistas; e Socialismo é, pois, este ideal de aperfeiçoamento e felicidade geral.*

Para mim, o Solidarismo é um ramo do Socialismo, da mesma fórma que o Socialismo de Cathedra, o Evangelicò, o Catholico, ou o de Estado. Acho portanto, a distincção de Gide completamente inutil, procurando distinguir o Solidarismo do Socialismo, dizendo que o Solidarismo mantem as bases da actual ordem social, propriedade, herança, liberdade de testar e dispôr dos bens, e suas consequencias, que procura mitigar pela associação. Ora, ha especies de Socialismo que não querem de nenhum modo destruir as bases da ordem social, como reconhece o mesmo Gide.

Todos os socialistas reconhecem entretanto a necessidade da intervenção do Estado, como diz Quezada, que observa que “a não intervenção da autoridade na vida economica póde traduzir-se, e geralmente se traduz, em exploração do debil pelo forte; de modo que o Estado representante do interesse geral, não só póde, mas deve intervir para fazer reinar a igualdade e a justiça nas relações dos que cooperam na obra productiva.”

FUNDAMENTO DO SOCIALISMO

As tentativas de refórma social de todos os tempos, e as idéas mais ou menos scientificas dos ultimos annos, prepararam o terreno para nelle fructificar a arvore magestosa do Socialismo, á cuja sombra protectora viverão felizes as gerações futuras. Surgiram ultimamente escolas socialistas baseadas em principios scientificos solidos, entre ellas, a Solidarista. Mas ninguem se lembrou ainda de formular

os principios basicos do Socialismo, de dar o seu fundamento scientifico. Affirmam apenas os mestres a necessidade de melhorarmos as nossas instituições sociaes, de protegermos os pobres, dando aqui e alli uma razão scientifica. Vou tentar, resumida e o mais claramente possivel, fundamentar a minha doutrina.

1) A REVELAÇÃO NATURAL. — A revelação natural de H. Spencer, nos diz que a *sociabilidade* é o fundamento do estado e que todo homem tem direito á sociedade. Logo, si todo homem tem direito á sociedade, esta deve ser organizada de modo que todos nella possam viver e não para esmagar os fracos. Ahi temos a primeira lei natural, base do Socialismo. A organização actual da sociedade, baseada na liberdade de oppressão, approxima-se mais do que anarchismo do que do Socialismo. Impera a livre concorrência, vence, o mais forte, e é esmagado o fraco, o honesto. E' a theoria germanica anarchista de Max Stirner, o “primeiro dos immoralistas” o apostolo infame que pré-gava com exaltação doentia do eu, traço predominante do seu anarchismo philosophico, o desrespeito a todos os direitos, o desprezo da humanidade, da sociedade, da verdade, do bem, abstracções, phantasmas, para elle, o direito da força e o roubo, o desrespeito a todos os direitos, o desrespeito ao proximo e a exploração dos nossos semelhantes a *bellum omnium contra omnes*, emfim, “temperé par des alliances précaires et momentanées”, diz Gide, conseguindo-se assim a liberdade ideal de todos! A nossa barbara organização actual, é baseada na liberdade de oppressão, é anarchica, segue os preceitos de Bastiat, o Harmonico, e os de Bakunine, Kropotkine, e outros miseraveis que, como conclue Jean Grave, querem acabar com Deus e a autoridade. Não: a sociedade é de todos, todos têm direito a

vida, ao lado do forte deve viver o fraco, o humilde, o desgraçado, amparado, dirigido pelo Estado, pelos super-homens, pelos intellectuaes, apostolos do bem, guardas da sociedade, cuja missão é dirigir as forças sociaes, com o minimo sacrificio individual e o maximo proveito social, para a realização do fim ultimo da sociedade, a felicidade geral!

2) A SOLIDARIEDADE. — Partindo do phenomeno da solidariedade, fundamental na vida da humanidade, surgio ultimamente uma nova escola economica, a escola solidarista, que diz que os membros de uma sociedade estão ligados entre si por um quasi-contracto, como ensina Leon Bourgeois, devendo-se mutua assistencia e soccorro de fôrma a todos poderem viver. A escola Solidarista, ainda, como observa Gide, um tanto indeterminada, tem feito muitos progressos no mundo inteiro, e só em França ha uma abundantissima literatura sobre o assumpto.

Dois fundamentos dá o preclaro Gide para o Solidarismo: 1.º — o interesse bem entendido (opinião de Novicow); e, 2. — a nossa culpabilidade pela miseria de nossos semelhantes.

Pelo primeiro fundamento sabemos que pela solidariedade a miseria e a depravação do nosso semelhante nos será prejudicial a nós ou aos nossos (Progenismo, adiante). E' de nosso interesse a conservação e o aperfeiçoamento dos fracos, para nosso proveito, admittindo-se que no mundo só haja egoismo. O segundo, é um fundamento de equidade.

Para mim, a escola solidarista é um ramo do Socialismo, e a solidariedade economica é portanto um dos seus fundamentos. O plano de reforma proposto pelos solidaristas é louvavel e utilissimo, incompleto no emtanto. A escola Solidarista é comtudo uma nova pedra para levantar-se o edificio grandioso do Socialismo Scientifico.

3) POR ABSURDO. — Podemos combater o individualismo por absurdo. Com effeito o individualismo não resiste a consequencias. Levado ao ultimo gráo, seria a condemnação á morte de creanças, velhos e invalidos. Seria o infanticidio systematico.

4) PROGENISMO. — Este argumento apresentado por Gide, desenvolvido magnificamente por Picard, ensina-nos que devemos proteger os pobres, e os fracos, temerosos da sorte dos nossos descendentes. E', pois, uma modalidade do egoismo.

5) SOLIDARIEDADE. — Temos ainda um outro aspecto da solidariedade, a de Ihering, na Evolução do Direito. Não ha membro inutil na sociedade. E' fortifical-a a conservação de membros que apparentemente inuteis têm alto valor, mesmo não economico. Temos o exemplo de Christo, fraca creança, humilde, desamparada num estabulo, e, comquanto apparentemente inutil, derramando luz sobre todas as edades, com a doutrina purissima que espande gloriosamente com a Santa Igreja Catholica.

São estes os fundamentos positivos, scientificos, do Socialismo. Temos, de outro lado, o *fundamento religioso*, que é o *amor de nosso proximo*. Ha, pois, duas feições distinctas do Socialismo: o *Socialismo Laical* e o *Socialismo Catholico*, que expliquei em minha these sobre — Salario. Podemos portanto harmonizal-as e, desta harmonia sahirá o Socialismo Scientifico, ou *Socialismo Harmonico*, ultima phase das doutrinas verdadeiramente scientificas da economia social. Vejamos agora o que seja o Socialismo Harmonico, quaes os seus elementos, qual o seu programma, como encara e como quer resolver os nossos problemas sociaes.

O SOCIALISMO HARMONICO

O Socialismo Harmonico diz que o Estado deve e póde intervir na vida economica, dirigindo as forças sociaes, de modo a obter-se com o minimo do sacrificio individual o maximo do proveito social. A funcção do Estado é fazer tudo quanto o particular mostrar-se incapaz de fazer e dirrigir, harmonizando do melhor modo possivel os interesses individuaes e sociaes, as forças vivas da sociedade, impedindo a anarchia de hoje e suas consequentes oppressões e iniquidades.

O Estado para assim proceder precisa ser dirigido por governo competente, por isso o Socialismo Harmonico quer o governo dos intellectuaes. Para o obtermos, precisamos do *voto secreto e do voto feminino*. Obtido um governo competente por uma eleição sem fraudes, o Estado poderá realizar efficazmente a sua missão. Mas, comquanto valiosissima a acção do Estado, é ainda insufficiente. Ao lado della, devemos considerar a força da *Religião*. Estado e Igreja: eis as 2 grandes forças de coordenação e reforma. Servindo-se da Religião, o Estado procura augmentar a moralidade dos individuos e a Igreja intervirá em todos os casos onde seja proveitosa a sua acção: nas penitenciarias, nos collegios, onde o ensino religioso é indispensavel, nas fabricas, partindo-se do principio defendido pelo Socialismo Harmonico — *sem religião não ha moralidade*. Quando a acção religiosa fôr insufficiente, intervirá o Estado coactivamente, procurando a regeneração por meios que a sciencia ensina. Ha uma sciencia que ensina os casos em que o Estado deve intervir, é a Politica e outra que ensina os melhores meios de intervenção, é a Sciencia da Administração. Estão hoje adiantadissimas, mas são, segundo creio, quasi desconhecidas nesta terra. Aqui os estadistas nascem, aprendem politica por intuição. Bemaventurados genios!

Ainda, ao lado destas duas grandes forças dirigentes, primordiaes e de harmonia, existe a *acção privada*, a livre iniciativa, que pôde desenvolver-se livremente, desde que a ninguém prejudique.

Eis o organismo perfeito da sociedade, funccionando para beneficio de todos e para a realização da paz social.

Indicarei agora, syntheticamente, algumas consequências da minha doutrina. Determinando o Estado um *minimo de salario*, reconhece o direito *ao trabalho*, o que é justo e equitativo. Por isto, o Estado age, directamente, regulamentando, e pelo exemplo, tornando-se industrial, submettendo-se á concurrencia (Finanças). O governo sensato, intelligente e activo, augmentará deste modo espantosamente o patrimonio publico, podendo conseguir mesmo, pela redução dos impostos e diminuição progressiva dos gastos inuteis, a realização do *imposto unico*, como reconhece o proprie Leroy Beaulieu.

Acabará com a estupidez das *cadeias*, ridiculos antros de vicio e vingança social, *estabelecendo campos de concentração*, verdadeiras cidades modelo, de regeneração e amparo. O criminoso é um infeliz, um doente, precisa ser curado, protegido, amparado, é o que ensinam a sciencia e a moral. Hoje, são os criminosos victimas da *vingança social*, quantidades negativas; amanhã, com a victoria socialista, serão productores livres como os demais. *Todo homem é obrigado ao trabalho, todo o homem tem direito ao trabalho, todo invalido tem direito á protecção do Estado*: verdades defendidas pelo Socialismo Harmonico.

Quanto desperdição de forças, quanta dispersão de actividade nas organizações sociaes anarchicas de hoje! Que ideal magnifico o do aproveitamento destas forças, destas grandes energias e de outras ainda maiores latentes no organismo social! Um homem livre, trabalhando e sendo justamente remunerado, bem alimentado, bem vestido, amparado pela sociedade politicamente organizada, com o futuro garantido, com a educação religiosa, gosando os beneficios da sociedade, não é, não pôde ser, não será nunca um criminoso. Mas, que dizer de um miseravel anemico, famélico, sujo, degradado, perseguido, alcoolizado, sem educação de especie alguma, ou quando muito, com a educação perniciososa das nossas escolas, fócios immoraes de estupidez e ignorancia, para que a sociedade é madrastra, sem esperança, a luz que brilha nos corações e mitiga as agruras das desgraçadas existencias, que esperar deste misero desprotegido da sorte, naufrago na vida, pária da fortuna?

Chegará o dia do povo. Este escolherá finalmente para dirigil-o os intellectuaes conhecedores das necessidades sociaes. Acabar-se-á então o culto da incompetencia, acabar-se-ão emfim os politicos profissionaes, inaugurando-se o *governo do povo pelo povo e para o povo*, éra nova, éra de liberdade de viver, de direito de existencia, de paz social, que será illuminada pela luz benefica da sciencia, irmanada com as fulgurações sobrenaturaes das palavras rutilantes e sagradas, cheias de promissoras esperanças, do Divino Mestre:

“*Amai-vos uns aos outros*” Devemos ainda, além da reforma social, que expuz em traços geraes, comprehendendo, está claro, modificações profundas nas nossas instituições e portanto nas nossas leis e na nossa Constituição, para facilitar as transacções, obtermos um bom systema monetario e bancario, creando ao mesmo tempo os estabelecimentos de crédito de que a sciencia economica trata;

assumpto cuja exposição não posso fazer aqui, mas do qual já tratei em varios artigos, publicados em jornaes e revistas desta capital, do Rio de Janeiro, etc. E' este, resumidamente exposto, o programma socialista. Eis, em seus traços geraes, o meu programma de acção.

Não quero a revolução social, quero a reforma firme e consciente da sociedade, quero a remodelação das nossas instituições, de accôrdo com os ensinamentos da sciencia; não quero, com H. George, a nacionalização da terra, mas quero que ella seja dada a quem a cultive, ou cultivada pelo Estado, nos casos em que tal systema offereça vantagens. Esta missão grandiosa, digna do nosso seculo, cujas instituições estão em estado de barbaria comparadas com as maravilhas scientificas, como dizia Wallace, esta obra de edificação social, está a cargo de duas grandes forças de coordenação: A Egreja e o Estado. Digamos, ainda uma vez: só com a realização do ideal socialista pois, em ultima analyse, pode-se obter a paz social, alcançada pela justiça, e pelo amor ao proximo, ensinada pela Religião Catholica, primeiro factor da paz social, garantida pelo Estado, harmonizador dos interesses sociaes a quem compete conseguir o fim ultimo das Sociedades Humanas — a felicidade geral!

SOCIOLOGIA BRASILEIRA

O nosso povo é filho do meio, a nossa historia presente é filha da nossa historia passada. Os nossos males são males de origem. Até a republica, duas classes existiam no nosso paiz: senhores e escravos. A primeira, ignorante e sem ideaes, desfructava o trabalho do escravo, na exploração tradicional herdada dos velhos luzitanos. Na ociosidade, no vicio, tudo para ella estava bem, tinha a besta para por ella trabalhar e lutar, todo o esforço era inutil. O organ que não funciona atrophia-se. A energia,

o character, o patriotismo, a intelligencia, a vontade, virtudes não exercitadas, atrophiam-se. Estes os escravos, coisa, ninguém, viviam como animaes, aviltrados, bestializados. Alguns libertos, kágados dos senhores da terra, enchiam os claros, como escravos privilegiados. Mudaram-se as coisas com o tempo. Alguns espiritos adiantados, com idéas liberaes e vistas largas rompiam com a rotina. Os Andradas foram os precursores do movimento civilizador. Ruy Barbosa, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Campos Salles, e outros, conseguiram finalmente a revolução. Abolida a escravidão, proclamada a república, viu-se um povo livre, sem saber ser livre, fadado a continuar escravo enquanto não lhe ensinassem o a b c da liberdade. Os exploradores apoderaram-se do poder, os apóstolos da liberdade, os honestos, os puros, foram postos de parte: o povo livre continuou escravo, com excepção do povo paulista, que por circumstancias especiaes tem adiantada educação politica e a felicidade de ser dirigido por homens de estatura de Altino Arantes e Washington Luis. Escravos eramos, escravos somos. Nossos senhores são os olygarchas que nos governam e dispõem de nossas vidas e de nossos bens. Nada se fez por este povo, nada de protecção social, nada de educação technica, nada de saneamento. Nada!

Emprestimos e impostos: eis as grandes forças das olygarchias escravocrátas, que nos dirigem. Protesta o povo? A força assalariada o espingardea. Pede pão? A olygarchia dá-lhes balas. Triste situação, miseravel estado! Porque accusar o povo? O povo brasileiro é uma victima. Victima da politica, victima do meio, victima da herança, victima das molestias, victima da sorte, victima da desgraça. Povo destitoso, qual a tua esperança, qual a luz que brilha ainda em tua alma enegrecida pelo fumo caliginoso da desesperação? A esperança na juventude. Que é a juventude? Não são só os moços na idade, que os ha velhos

da velhice prematura e triste do desengano, mas todos aquelles cujo coração ainda vibra pelos grandes ideaes. Juventude são os moços ainda puros do contagio da immoralidade sórdida da vida, os velhos ainda livres do virus morbido da politicalha immunda, as mulheres, as creanças, os humildes, todos aquelles que no fundo d'alma com o ideal possuem uma parte do azul eterno do infinito. Esta é a juventude, esta é a parte sana da sociedade. A mocidade sois vós que soffreis com a desgraça da patria, sois vós que vos indignaes com a oppressão e o roubo, sois vós oh jovens que me ouvis, sois vós, oh mulher patricia, divino don da providencia, balsamo consolador das nossas tribulações na senda espinhosa, soturna e triste da existencia, sois vós que, junto ao leito do moribundo miserrimo daes-lhe no vosso sorriso as promessas do infinito, sois vós no vosso amor sacrosanto de esposa, no vosso amor divino de mãe, que arrosta todos os sacrificios, só igualado pelo amor de Maria Santissima; sois vós a mocidade, o idéal, a juventude pelo coração, a esperança da patria. E eu, no fundo caliginoso da nossa historia lobrica a luz da esperança, e essa luz sois vós.

Em nome da patria, miseravel e amesquinhada, da patria adorada, eu vos imploro trabalhai pela redempção do nosso povo, pela victoria do ideal socialista-Harmonico, que é o ideal de Christo a quem peço luz para as nossas almas, paz para as nossas consciencias, amor para os nossos corações.

DR. BRAZ DE SOUSA ARRUDA,

Lente da Faculdade de Direito.